



		a carne do mar
	brígida	baltar
galeria	nara	roesler



A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** tem o prazer de apresentar *A Carne do Mar*, individual de Brígida Baltar com curadoria de Marcelo Campos, que conta com 12 esculturas de cerâmica e porcelana esmaltada realizadas em 2017.

Segundo a artista, a pesquisa desta exposição tem origem em suas memórias de infância, quando procurava conchas perfeitas nas areias de Copacabana. Foi a partir dos fragmentos - cacos da decepção - que descobri as formas orgânicas e aprendi sobre a potência da incompletude". Baltar acrescenta que ao desenvolver estas obras pensava no sentido da palavra quimera, em seus significados: devaneio, ficção, monstro mítico, peixe.

Habituada a investigar o universo feminino e íntimo, frequentemente a partir de elementos orgânicos e naturais. Em *A Carne do Mar*, Baltar faz do oceano seu espaço íntimo. "Pensando no mar e na palavra quimera descobri que nas profundezas todos os seres são híbridos", diz.

As lambidas do mar, 2017
Porcelana e cerâmica esmaltada
74 x 33 x 19 cm

A concha triste, 2017
porcelana esmaltada
16 x 17 x 20 cm





O berro da concha, 2017
cerâmica esmaltada
22 x 25 x 30 cm

A concha fantasma, 2017
cerâmica esmaltada e botões penduradores
20 x 22 x 23 cm





Irmãs, 2017
cerâmica esmaltada
51 x 47 x 17 cm

A carne do mar, 2017
porcelana esmaltada
9 x 12,5 x 48 cm





A concha vagina I, 2017
cerâmica esmaltada
28 x 12 x 10,5 cm

A concha vagina II, 2017
cerâmica esmaltada
16,5 x 11,5 x 9 cm





A concha vagina III, 2017
cerâmica esmaltada
28,5 x 10 x 10 cm

Craca I, 2017
cerâmica
12 x 23 x 28 cm





Craca II, 2017
cerâmica
14 x 22 x 26 cm

sobre **Brígida Baltar**

Brígida Baltar (n. 1959, Rio de Janeiro) vive e trabalha em Rio de Janeiro. Estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil. Deu início a sua carreira na década de 1990, com pequenos gestos poéticos em sua casa e ateliê. Participou de diversas bienais, entre elas a 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); The Nature of things — Biennial of the Americas, em Denver, EUA (2010); Panorama de Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007) e 5ª Bienal de Havana, em Cuba (1994). Seus trabalhos foram apresentados em diversas exposições internacionais, como: Cruzamentos: Contemporary art in Brazil, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014); SAM Art Project, Paris, França (2012); The peripatetic school: itinerant drawing from Latin America, Middlesbrough Institute of Modern Art, Inglaterra, (2011); Museo de Arte del Banco de la República, Bogotá, Colômbia, (2012); e Constructing views: experimental film and video from Brazil, New Museum, Nova York, EUA (2010). Sua obra está representada em diversas coleções, incluindo: Colección Isabel y Agustín Coppel, Cidade do México, México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

A Carne do Mar

Marcelo Campos

A produção que constitui a exposição *A carne do mar*, de Brígida Baltar, se iniciou com inquietações relativas a figuras míticas quiméricas. Brígida dedicou-se a construir pensamentos em torno da possibilidade de junção e hibridização de naturezas heteróclitas. Para Walter Benjamin, a idéia de quimera se coaduna à própria concepção da obra de arte, pois a vontade e a potência de um pensamento quimérico geram uma outra natureza, constituída por acréscimos impossíveis, talvez, mas capacitada pela latência, por certa força advinda da urgência e da invenção. O monstro quimérico é forjado na incongruência e na contramão das possibilidades.

Em outro sentido, a artista também se interessara por seres que sobrevivem nas profundezas do mar, em regiões abissais, e que, por esse motivo, precisam produzir a própria luz, a bioluminescência, como proteção e sedução aos seus pares. O filósofo Didi-Huberman, ao analisar a obra do cineasta Pier Paolo Pasolini, observara os vaga-lumes, mostrando-nos que os mesmos provinham da idéia de pequena-luz, em contraposição a momentos de glória, onde se exibe a exuberância das formas de expressão. Esta luminescência seria gerada em franca oposição aos faróis da exploração e da violência. O que acontece aos vaga-lumes acontece, também, aos seres do mar que precisam sobreviver nas profundezas.

A carne do mar traz Brígida Baltar em interesse ampliado pela cerâmica, material presente desde o início de sua produção nos anos 1990. Das experimentações, além do interesse por buscar cores abissais, as peças apresentam uma riqueza nos avessos rosas e azuis profundos. Aproximam-se, então, formas e elementos corpóreos, quase-órgãos, como vaginas, bocas, narizes, olhos. A artista se coloca a perscrutar as queimas do material e suas surpresas, a mudança de brilho e tonalidade, as fissuras, a transparência.

No imaginário mais direto, vemos grutas, ondas, moluscos, conchas. A concha torna-se a referência mais constante. E dali, Brígida projeta-se em lembrança, afeto, decepção. De pequenos pedaços de argila, com gestos diretos, reduzidos, saem Cacos da decepção, uma espécie de rememoração da infância, na qual a busca pela concha completa, perfeita, nas areias de Copacabana, se tornava frustrante na maioria das tentativas.

Com maior ou menor proximidade figurativa, peças como Mergulho e Lambidas do mar atribuem aos braços e à língua, os membros que se colocam em partes, a condução a uma cena grandiosa.

As máscaras-conchas, na exposição, advêm de corpos de argilas moles que necessitam da secagem com o calor ou pelo instantâneo contato do ar, uma reação química. Para o molusco,

seu próprio sangue o protegera, em excesso, enrijecendo-se. A pele que reveste o corpo, então endurecida, se desenha assimétrica, espiralada, como os tímpanos. O nácar pode chegar à perola e, com isso, alcançar a longevidade. Os objetos apresentados desenham-se invertebrados, em formas espalhadas, sem nenhuma simetria.

A peça Irmãs se faz como presença primeira, potencializando a troca, a gemelaridade, o segredo, a proximidade intensa de uma relação jamais substituída.

Potencializa-se a ambigüidade em todos os caminhos percorridos pela artista, desde os mais diretos, na relação entre figuração e abstração, por exemplo, aos mais recônditos, como nos interiores viscerais e protetores do corpo, no amolecido dos moluscos ou nos excessos de pele, onde residem as pontas do prazer e a busca pela hora benfazeja.

Marcelo Campos é professor e coordenador de graduação-Instituto de Artes da UERJ e professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Doutor em Artes Visuais pelo PPGAV da Escola de Belas Artes/ UFRJ, desenvolveu tese de doutorado sobre o conceito de brasilidade na arte contemporânea. Possui textos publicados sobre arte brasileira em periódicos e catálogos nacionais e internacionais.

